

## OS LAMENTOS DA GUERRA NA PERSPECTIVA DE MULHERES NA OBRA *MAR ABSOLUTO*, DE CECÍLIA MEIRELES\*

### THE LAMENTS OF THE WAR FROM THE PERSPECTIVE OF WOMEN IN THE WORK *MAR ABSOLUTO*, BY CECÍLIA MEIRELES

Elionete Rodrigues Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo analisar os lamentos da guerra, trazidos por Cecília Meireles em seu livro *Mar Absoluto* (1945), sob uma perspectiva social e afetiva de um eu lírico feminino, diante da frustração e da dor causados pela perda de seus entes queridos. Desse modo, a partir de uma leitura mais atenta da escrita cecilianiana, destacando os aspectos temáticos e formais, buscaremos perceber na composição de seus poemas, o comprometimento diante de questões femininas e políticas em torno do mundo, a citar, os males causados pela guerra. Para tanto utilizaremos as contribuições teóricas de Beauvoir (2016), Lamego (1996) Moura (2016), Silva (2022) entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cecília Meireles. *Mar absoluto*. Lamentos. Feminino.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the lamentations of war, brought by Cecília Meireles in her book *Mar Absoluto* (1945), under a social and affective perspective of a female lyrical self, in the face of frustration and pain caused by the loss of loved ones. Thus, from a closer reading of Cecilia's writing, highlighting the thematic and formal aspects, we will seek to perceive in the composition of his poems, commitment to women's issues and politics around the world, to cite, the evils caused by the war. To do so, we will use the theoretical contributions of Beauvoir (2016), Lamego (1996) Moura (2016), Silva (2022) among others.

**KEYWORDS:** Cecília Meireles. *Mar absoluto*. Lamentos. Feminine.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará-UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2559-295X>. E-mail: [belionete@gmail.com](mailto:belionete@gmail.com).

\*Artigo recebido em 30 de agosto de 2022 e aceito para publicação em 30 de outubro de 2022.



## Introdução

O presente trabalho buscou elucidar o eu poético de Cecília Meireles na obra *Mar absoluto*, enfatizando como a leitura de alguns poemas vão compondo um cenário de desencontros, desesperança, saudades e divagações de mulheres, que perduram por toda a obra e formam uma arquitetura que diz muito, não somente da poeta Cecília, mas da mulher que sentiu os horrores da guerra vividos por outras pessoas.

Desse modo, no *corpus* dessa pesquisa serão analisados os poemas “Lamento da noiva do soldado e “Lamento da mãe órfã”, além dos estudos de teóricos que contribuirão com as reflexões apresentadas, sendo os principais: Simone de Beauvoir, em seu *Segundo Sexo: fatos e mitos* (2016), obra que esclarece sobre aspectos relevantes do que é ser mulher em uma sociedade patriarcal e os aspectos míticos da maternidade; Valéria Lamego, em *Uma farpa na Lira* (1996), e seu estudo sobre a militância de Cecília Meireles e, principalmente, o livro *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda guerra Mundial* (2016), de Murilo Marcondes de Moura, o qual esclarece muito sobre como Cecília destacou essa temática em seus poemas.

Assim, iniciaremos com a análise do “Lamento da noiva do soldado”, no qual será destacado como essa noiva vai lidar com a perda de seu amado e da concretização do sonho de se tornar esposa. Em seguida, analisaremos o poema “Lamento da mãe órfã”, no qual buscaremos os aspectos míticos da maternidade e de como essa mãe lida com a falta do filho perdido para a guerra. Por fim, traremos o poema “Pistoia, Cemitério Militar Brasileiro”, publicado em 1955.

## Lamentos da guerra na voz de mulheres – uma análise da obra *mar absoluto*, de Cecília Meireles

Ao propor essa interseção entre guerra e questões sociais das mulheres na obra *Mar absoluto*, trazemos a reflexão de Nelly Novaes Coelho (2003), a qual defende que a literatura é como um feixe de relações, que não nasce da pura fantasia de suas autoras ou autores, mas que germina de uma complexa interação entre o espírito criador do artista, o tempo em que ele vive e o húmus cultural herdado. Nesse contexto, Antonio Candido, no livro *Literatura e Sociedade* (1965), discute sobre o melhor vínculo entre a obra e o ambiente. O autor mostra que o valor e o significado de uma obra estavam relacionados à condição de mimese, ou seja, de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que



ela tinha de essencial. Assim, por ser uma construção simbólica, uma obra literária pode veicular preconceitos e estabelecer discriminação ou ser um elemento de emancipação.

Como diz Valéria Lamego em seu livro *Uma farpa na Lira – Cecília Meireles na revolução dos 30* (1996, p. 256): “Cecília mostrou sua militância em muitos trabalhos desenvolvidos, desde ensaios, crônicas e poemas”. Em uma carta datada de 15 de novembro de 1933 a Fernando de Azevedo, Cecília confessa:

Eu tenho esse mau costume de sofrer pelo mundo inteiro. Hoje estive num cinema e vi, num jornal da Paramount, a mobilização austríaca para vigilância das fronteiras, em vista das atividades políticas da Alemanha. Ainda agora, escrevendo-lhe, sinto lágrimas no coração daqueles homens desgraçados que já viram uma guerra, quando ainda jovens, e estão a ponto de ver outra (*apud* MOURA, 2016, p. 236).

Esse trecho demonstra o quanto as questões políticas incomodam Cecília, e que os aspectos relacionados à barbárie causada pelas guerras a sensibilizavam de forma bem particular, podendo tal fato ser percebido através das vozes poéticas que choravam seus mortos, em especial o lamento das mulheres - figuras complexas no contexto de guerra - pois assumem papéis de expectadoras (aquelas que observam e esperam) e, ao mesmo tempo, de figuras ativas, já que muitas tiveram que assumir a função de provedoras, enquanto os homens estavam em campo. E é com um olhar sensível ao contexto e a essas figuras femininas que a poeta dá voz a essas mulheres.

Assim, Cecília vai trazer uma poesia de guerra de forma bem peculiar através de um lirismo e da alusão a elementos da natureza, tão característicos na construção de seus poemas. Sobre esse último elemento, Sadilier (1984 *apud* MOURA 2016, p. 242), ao analisar o poema “Madrugada no campo”, ressalta:

a poesia de Cecília constantemente atrai o leitor para um contato com os aspectos mais íntimos e sensíveis da natureza. [...] Esta intimidade entre leitor e natureza é conseguida pelos *close-ups* do campo cujos detalhes microscópicos estão em primeiro lugar na descrição deste ambiente ao amanhecer.

Seguindo a mesma linha de leitura da autora acima, observamos que, em *Mar absoluto*, é possível perceber a construção de uma narrativa histórica que vai sendo elaborada através não somente de elementos da natureza (animais, plantas e o próprio mar), como de seres mitológicos (Diana, Helena), lugar (Cemitério de Tipoia) e até de figuras masculinas, vítimas desse



período (soldados). Como ressalta Murilo Marcondes Moura em seu livro *Mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial* (2016),

não deixa de ser surpreendente que o lirismo (de fato) delicado de Cecília Meireles tenha se mostrado, entre nós, um dos mais permeáveis aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. De algum modo, aquele “costume de sofrer pelo mundo inteiro”, de que a jornalista dera notícia no início dos anos de 1930, foi retomado pela poeta em diversas passagens entre 1939-1945 (MOURA, 2016, p. 238).

Note-se que os elementos citados acima vão servir de pano de fundo para uma leitura nítida e sensível do pesar desses eu líricos femininos que materializam o desalento, a frustração e a dor contidos na não realização de dois aspectos fundamentais na concretude da feminilidade da mulher na sociedade, a destacar: o casamento e a maternidade. Como nos diz Beauvoir (2016), “para a mulher não há divórcio entre sua condição propriamente humana e sua vocação feminina. E é por isso que, para esta, o casamento e a maternidade são tão decisivos em sua valorização social”. Nesse contexto, Cecília vai descrever a dor de quem vê a ruptura de um projeto de vida (casamento) e de descontinuidade da função materna, ocasionados pela barbárie da guerra. Para ilustrar esse pesar na voz dessas mulheres, utilizaremos o seguinte poema:

Lamento da noiva do soldado

Como posso ficar nesta casa perdida,  
neste mundo da noite,  
sem ti?

Ontem falava a tua boca à minha boca...  
e agora que farei  
sem saber mais de ti?

Pensava que eu vivesse por meu corpo e minha alma!  
Todos os olhos são cegos...Eu vivia  
unicamente de ti!

Teus olhos, que me viram, como podem ser fechados?  
Aonde foste, que não me chamas, não me pedes,  
como serei agora, sem ti?

Cai neve nos teus pés, no teu peito, no teu  
coração...Longe e solitário... Neve, neve...  
E eu ferverei em lágrimas, aqui! (MEIRELES, 2017, p. 485).



Na primeira estrofe se inicia o lamento de perder o noivo e não ver mais sentido em sua existência. Observe-se os versos: “Como posso ficar nesta casa perdida/neste mundo da noite/sem ti?”. Note-se que o segundo verso traz uma referência a tempos sombrios, difíceis, *mundo da noite*. Na sequência, na terceira estrofe, ela continua em tom confessional as dúvidas que habitam em seu coração, em sua mente. Ressaltemos a construção nesse trecho do lampejo de lucidez da voz que fala nos versos, a qual se dá conta, de forma espantada e dolorida, do quão enganada estava sobre sua vida, sobre sua pessoa, que ela vivia não por si, mas por ele, o noivo perdido, e afirma: “Todos os olhos são cegos...”. Ao usar o pronome indefinido (“todos”), deixa em destaque uma opinião e pensamentos que não são só dela, mas da sociedade em geral. A cegueira aí representa o que não se pode ver sobre o futuro, a inoperância de planos não consumados que habitam nos seres humanos, de um modo geral, daí as reticências no final, que deixam a cargo do leitor a conclusão da frase.

Ainda na análise do poema, vemos a referência aos campos de guerra e o descaso com os soldados que jazem no chão inertes e sozinhos, longe dos seus. Os versos que finalizam a última estrofe descrevem essa imagem triste que passa diante dos olhos dessa noiva: “Cai neve nos teus pés, no teu peito, no teu coração...Longe e solitário... Neve, neve...”. Notemos que a repetição da palavra neve é usada como forma de trazer a frieza, não somente climática, mas da desvalorização da vida, desse coração, no qual cai neve, que não sente mais nada, está frio, sem vida. No entanto, em seguida o eu lírico feminino finaliza com a sequência, “e eu ferver em lágrimas, aqui!”. Contrapondo-se ao substantivo neve (frieza), temos o verbo ferver (revolta), o qual mostra o quanto essa noiva/mulher sente, junto a dor da perda de seu amado, uma revolta pelo fim dos sonhos nupciais causados pela morte de um jovem, vítima de um sistema que compara a guerra como sinônimo de virilidade e patriotismo, e não como desperdício de força humana, de vidas. Além desse contraste, vamos ter também a sobreposição do amor, frontalmente contrariado pela realidade da guerra. Nas palavras de Moura (2016, p. 266), “não há como deixar de observar o choque violento que se estabelece entre o rebuscamento da declaração de amor, presente nos quartetos, e a objetividade despojada da linguagem dos dísticos, encarregada de fazer referência à guerra”.

Sobre o contraste entre “neve e ferver”, Silva (2022) conclui que:

a presença da neve pode ser relacionada com o inverno/frio do hemisfério norte, provável local em que a guerra ocorre. Com essa ambientação e levando-se em consideração a data de publicação



da obra, 1945, é possível imaginar que se trata de uma representação das consequências da Segunda Guerra Mundial. Já o verbo “ferver”, pode ser relacionado com o verão/calor do hemisfério sul, local onde supostamente a noiva ficou.

Assim, “O lamento da noiva do soldado”, através da voz feminina do poema que fala de sua desilusão provocada pela barbárie da guerra, fala de questões políticas, sociais e afetivas, trazidas na voz poética de uma mulher. Como ressalta Moura (2016), Cecília, ao falar da guerra, muitas vezes fala do amplo a partir da perspectiva do miúdo, ou seja, o luto de uma noiva, ou de uma mãe que veremos logo em seguida, representa a dor de muitas mulheres que vivenciaram perdas semelhantes, mostrando com isso como a guerra deixa sequelas na vida de muitas pessoas.

Sobre os lamentos femininos, ainda temos “O lamento da mãe órfã”. Poema que fala da dor e desalento de uma mulher que perde o sentido da vida com a morte de um filho. Paralelo à uma alusão à guerra, observamos nesse poema a não- materialização de mais um dos temas da feminilidade, talvez o mais importante, que é a maternidade e os laços que unem mãe e filho.

Sabemos que as correntes teóricas radicais, como as da Beauvoir ou Judith Butler, consideram a maternidade como o eixo central da “opressão das mulheres” pois, na opinião das autoras, sua realização determina o lugar das mulheres na família e na sociedade; no entanto, mesmo com toda essa discussão sobre o que ser mãe significa para o público feminino, o filho ainda é considerado, culturalmente, como um ser que tem uma ligação com sua genitora que vai para além do físico, do biológico. Não obstante, é preciso levar em conta que o tema da morte de um filho é, em si, recorrente na literatura. Podem ser citados, na literatura brasileira, o poema “Cântico do Calvário”, do poeta romântico Fagundes Varela, e o poema “Ser”, do modernista Carlos Drummond de Andrade. Ambos os autores falam sobre a perda de um filho, mas na voz do pai, de um eu lírico masculino, que trata da dor da perda do filho amado e a certeza de que é finda sua presença.

Semelhante ao poeta, Cecília Meireles, traz o tema da morte do filho só que evocada por uma voz feminina, a da mãe, mas que também é construído com base em dois eixos: o da materialidade e o da espiritualidade. Para essa análise, vejamos o seguinte poema da autora:

#### **Lamento da mãe órfã**

Foge por dentro da noite,  
reaprende a ter pés e a caminhar,



descruza os dedos, dilata a narina à brisa dos ciprestes,  
corre entre a lua e os mármoreos,  
vem ver-me,  
entra invisível nesta casa, e a tua boca  
de novo à arquitetura das palavras  
habita,  
e teus olhos à dimensão e aos costumes dos vivos!  
Vem para perto, nem que já estejas desmanchado  
em fermentos do chão, desfigurado e decomposto!  
Não te envergonhes do teu cheiro subterrâneo,  
dos vermes que não podes sacudir de tuas pálpebras,  
da umidade que penetra teus finos, frios cabelos  
cariciosos.

Vem como estás, metade gente, metade universo,  
com dedos e raízes, ossos e vento, e as tuas veias  
a caminho do oceano, inchadas, sentindo a inquietação das marés.

Não venhas para ficar, mas para levar-me, como outrora  
também te trouxe,  
porque hoje és dono do caminho,  
é meu guia, meu guarda, meu pai, meu filho, meu amor!

Conduze-me aonde quiseres, ao que conheces, - em teu braço  
recebe-me, e caminhemos, forasteiros de mãos dadas,  
arrastando pedaços de nossa vida em nossa morte,  
aprendendo a linguagem desses lugares, procurando os senhores  
e as suas leis,  
mirando a paisagem que começa do outro lado de nossos cadáveres,  
estudando outra vez nosso princípio, em nosso fim.  
(MEIRELES, 2017, p. 513).

O poema é composto por cinco estrofes, as quais trazem uma narrativa de uma mãe que suplica, que invoca a vinda do filho morto. Esse chamamento é representado pelo verbo *vir* no presente, “Vem”. A forma imperativa do verbo mostra a urgência da súplica do retorno do filho por uma mãe que anseia sua presença.

Cecília procura intensificar a dor dessa mãe que, em princípio, sabe que o filho está morto, mas que, mesmo ciente de sua situação de decomposição, o quer perto de si. Para tanto, a poeta divide o poema em dois eixos, sendo que o da materialidade vai surgir nas duas primeiras estrofes, as quais vão falar da morte, pois o eu lírico invoca o morto a fugir de onde está. Temos também a descrição de aspectos bem explícitos sobre o que



o corpo (matéria) sofre no processo de decomposição, como os descritos na segunda estrofe: “Vem para perto, nem que já estejas desmanchado/em fermentos do chão, desfigurado e decomposto/Não te envergonhes do teu cheiro subterrâneo/dos vermes que não podes sacudir de tuas pálpebras/da umidade que penetra teus finos, frios cabelos/cariciosos”. Note-se que a riqueza de detalhes do ato de decomposição da matéria aproxima essa mãe (e o leitor), em tempo presente, do filho falecido, como se fosse possível vê-lo fisicamente. Tal descrição também serve para mostrar o processo que separa o ser vivo (a mãe) desse mundo (de decomposição), em que o filho morto submerge, misturando-se com a natureza. E ela, mãe, traz o sentimento à descrição quando, de forma carinhosa, refere-se aos cabelos “cariciosos”, como se pudesse, ou desejasse, tocá-los.

Para trazer à tona a espiritualidade, o inimaginável, a autora introduz na terceira estrofe um ser híbrido que ainda não se transformou e se foi completamente, que está “metade gente, metade universo”. Assim aborda o aspecto mítico da maternidade no poema, nessa representação de uma ligação entre mãe e filho que ultrapassa a esfera carnal e que, no texto, tem o poder de mudar os rumos da existência e a certeza que a morte deixa para a humanidade, como visto na sequência: “não venhas para ficar, mas para levar-me, como outrora/também te trouxe”. Desse modo, essa mãe suplica ao filho que fuja, mesmo que temporariamente, que mude o caminho traçado para ele e venha buscá-la, já que representa toda e qualquer forma de companhia e amor que possa surgir para ela. Assim, o eu lírico justifica seu apelo: “és dono do caminho/é meu guia, meu guarda, meu pai, meu filho, meu amor!”. Veja que os verbos estão sempre no presente, o que intensifica ainda mais a mensagem de que ele “é” tudo na vida dela. Mesmo morto, ele ainda é o centro, ou seja, a morte não conseguiu desfazer esse laço entre ambos. E, portanto, conclama este filho: “recebe-me, e caminhemos, forasteiros de mãos dadas”; assim como ela o recebeu em seu nascimento, e que juntos busquem o desconhecido, levando os resquícios do que foi vivido aqui na terra, ou seja, “arrastando pedaços de nossa vida em nossa morte/ estudando outra vez nosso princípio, em nosso fim”.

De forma esclarecedora sobre os aspectos estéticos e temáticos da poética de Cecília, Moura (2016, p. 250) destaca que:

Nada em Cecília Meireles é simples, apesar de sua falta de afetação. Muita coisa em sua poesia parece, à primeira vista, familiar: o léxico, em geral discreto; as formas, passíveis de serem associadas ao acervo da tradição, em especial ibérica; porém, algo sempre





foge a esses esquemas gerais, e esse algo é, justamente a grande poesia da autora, que atinge um alto grau de pessoalidade e de engenho a partir de elementos tão compartilhados.

Essa tensão trazida pela autora em abordar elementos, aparentemente, comuns, mas com grande valor reflexivo, pode ser constatado em todos os poemas de *Mar Absoluto*, mas de sobremaneira no último verso do poema acima, quando traz os termos “princípio e fim/princípio no fim”, colocados de forma sinônima e complementares, o que ressalta a importância de se pensar de forma mais profunda o nascimento de uma pessoa, sua passagem pela terra dos vivos e sua morte. Sendo, no entanto, esta última a responsável pelo resumo de todo o sentido da vida. Tal comparação fica ainda mais intensa quando fica nítido no poema que a existência da mãe só se justifica pela vida do filho e, ao perdê-lo, a vida dela não faz sentido. Ele era sua motivação e sua função neste mundo, e cabia-lhe então, assim como ela lhe deu a vida, de forma paradoxal, trazer a dela novamente através da morte.

Note-se que o poema ainda fica aberto a várias interpelações e enigmas a serem decifrados nessa imagem descrita de forma tão simbólica. Diante disso, seguindo adiante as análises desses elementos que envolvem natureza e pessoas, temos como exemplificação um poema que traz reflexão sobre afetividade, questões sociais, feminino e contexto de guerra mesmo não estando em *Mar absoluto* ele completa a análise pensada para esse artigo. Para essa descrição, contaremos com o poema *Pistoia, Cemitério Militar Brasileiro*, publicado em 1955.

Esse poema foi fruto de uma viagem realizada por Cecília Meireles à Itália na década de 1953 quando visitou o cemitério militar brasileiro. De acordo com Moura (2016), Cecília dá notícia de sua primeira visão do cemitério de Pistoia:

Cemitério Militar Brasileiro...Um cemitério de jovens – sem tristeza. A tristeza é ver como ficam os capacetes dos soldados, depois de uma rajada de metralhadora. E recordar que, dentro daquele capacete, esteve uma cabeça querida. [...] Mas os fazedores de guerra são lá criaturas humanas! (MOURA, 2016, p. 259 *apud* Crônicas de viagem, 1999, p. 79).

A leitura que a poeta faz sobre o cemitério dos pracinhas brasileiros, que se encontravam em outro país, longe de seus entes queridos, não tinha nada de bonito, mas de triste. E para demonstrar esse sentimento no poema acima, ela procura, através do recuo do eu e de certo distanciamento em



relação aos problemas do mundo, apontar, de forma crítica, a crueldade e pragmatismo da realidade.

Os versos descrevem desde a chegada dos soldados, o momento de guerra (fogo) até o fim (morte). Para isso, a poeta divide o poema em oito estrofes, sendo a partir do primeiro verso da segunda estrofe já descreve a morte deles. Assim vai construindo uma leitura que mostra que os soldados chegaram cheios de expectativas boas em relação à guerra. Verificamos isso nos termos “felizes, sorriso, esperança”, intensificados pelos adjetivos “grande, largo e forte. Isso seguido de um olhar admirador desse eu lírico que os consideravam “belos”.

No entanto, como se observasse a cena, em tom confessional, o poema inicia a segunda estrofe trazendo à tona uma quebra de expectativa, uma dura realidade pois “Marte, porém, soprava fogo/por estes campos e estes ares”. Dois versos para ilustrar, sem delongas, o início e o fim desses jovens. Daí em diante a poeta traz um tom melancólico ao descrever o sepultamento deles: “E agora estão na calma terra/sob estas cruzes e estas flores/cercados por montanhas suaves”, assim, utilizando-se desses elementos da natureza, Cecília vai abrandando a descrição e, de forma muito poética, compara o tumulto com dormitório e morte com sono: “São como um grupo de meninos/num dormitório sossegado”.

Contudo, o último verso finaliza com dois pontos, o que prenuncia uma explicação do que de fato acontece, e, nesse momento, ela traz o elemento feminino: as mães. Mulheres que suplicam a presença do filho morto. Um sofrimento que parece não ter fim, é duradouro, e que, “de muito longe/ entre as mil cortinas do tempo”, ainda vai perdurar. E os “jovens” / “meninos” / “crianças”, são os filhos dessas mães que “esperam que ainda acordem/como foram, fortes e belos”, antes desse “falso jogo atlético”, idealizado por “homens desumanos”. Fica nítida a metaforização da poeta ao referir-se a guerra como jogo atlético seguido do adjetivo rude e sintetizada em metralha e sangue. Note-se que ao colocar o verbo no presente, “metralha”, o poema apresenta uma oralidade em tempo real, o que dá ainda mais exatidão e destaque na violência sofrida pelos soldados e que tudo resulta em sangue, dor e saudade de vozes que não podem ser ouvidas, “longe”, levadas pelo vento. Contudo, a natureza novamente toma a cena e acolhe, recebe esses filhos. Como descreve Moura (2016), o cemitério se forma através da analogia das montanhas suaves, como paredes, nuvens imensas como os lençóis e calma terra, perfumada de flores como o leito.

Moura (2016, p. 260), ressalta que:



O poema tem um andamento rítmicos próximo ao da fala, o que lhe proporciona a tonalidade calma sem deixar de ser dramática. Observem-se a sintaxe e a pontuação, gramaticalmente convencionais e explicativas, assim como a fluidez na concatenação das frases e das ideias, sem contar o entrelaçamento, quase imperceptível, “natural”, entre os tempos verbais do passado (a guerra) e do presente (repouso).

Assim, ainda tentando elucidar o eu poético de Cecília Meireles em *Mar absoluto*, é possível enfatizar como a leitura desses poemas vão compondo um cenário de desencontros, desesperança, saudades e divagações de mulheres, que perduram por toda a obra, que formam uma arquitetura que diz muito, não somente da poeta Cecília, mas da mulher.

### Considerações Finais

Diante do estudo realizado pode-se identificar o quanto Cecília Meireles era uma pessoa sensível a dor dos outros, e que através da riqueza de um léxico muito bem selecionado, conseguiu compor, com sutileza de detalhes, um conflito armado nada sutil, como ela mesma traduz – “rude”, levando do indivíduo/nacional para o coletivo/internacionalista. Ressalte-se que, ao contrário do que muitos críticos acreditam, a autora não pode ser enquadrada somente como a “pastora de nuvens”, que escreve a partir de um espaço recolhido, íntimo, privado e bucólico, e que não se envolve com assuntos relacionados ao contexto social da sua época, e por que não dizer, da atualidade, já que as temáticas tratadas em alguns de seus poemas mostraram um olhar sensível e crítico diante da dor de muitos, sobretudo, das mulheres. Desse modo, em *Mar absoluto e outros poemas*, o contraste é o pano de fundo central da obra: enquanto de um lado se lê a simplicidade da natureza, a expressão declarada de amor de noivas e mães, e a beleza dos seres e das pessoas, do outro se vê sangue, saudade e lágrimas como reflexo da barbárie da guerra.

No tocante ao universo feminino, a referida obra é recheada desses desabaços, que mostra a intensidade com que uma luta armada deixa na vida de muitas pessoas. Isso feito com um acabamento tão expressivo que, muitas vezes, demonstra o quanto os lamentos são, em sua maioria, uma pintura poética desse cenário - que ela mesma define como “sóbrio” -, daí a escolha por tantos poemas narrativos, os quais trazem proximidade ao que está sendo vivido e sentido, assim como o grande “Elegia”, que fez



para sua avó, Jacinta Garcia Benevides. Assim, Cecília, compartilha com seus leitores sua inspiração poética e um léxico sensível para descrever uma natureza intrigante e criaturas profundamente humanas repletas nelas do que é belo, feroz e sublime.

## Referências

- BEAUVOIR, S.. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade** – Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- COELHO, N N. **O conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.
- LAMEGO, V. F. **A farpa na lira** - o jornalismo de Cecília Meireles na revolução de 30. Mestrado em Comunicação Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MEIRELES, C. “Mar absoluto” (1945). In: MEIRELES, C. **Poesia completa**. São Paulo: Global, 2017.
- MOURA, M. M. **O mundo sitiado**: a poesia brasileira e a Segunda guerra Mundial. São Paulo, Ltda, 2016.
- SILVA, R. D. A construção do feminino no poema “lamento da noiva do soldado”, de Cecília Meireles. In: **II Colóquio de pós-graduação em Letras**, CPGL-Campos de Assis, São Paulo. 2011, p. 175-179. Disponível em <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373298718.pdf>. Acesso em 9/06/2022.

